



**COMENTÁRIOS DE ABERTURA DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO
POR OCASIÃO DA**

**SEGUNDA CONFERÊNCIA CONSULTIVA SOBRE
PRINCÍPIOS PARA O BOM ENVOLVIMENTO
INTERNACIONAL EM SITUAÇÕES E ESTADOS FRÁGEIS**

Instituto de Ciências da Saúde de Comoro, Díli

17 de Agosto de 2009

Ilustres Deputados

Ilustres Membros do Governo

Ilustres Representantes do Corpo Diplomático

Ilustres Embaixadores e Representantes das Instituições Internacionais

Representantes da Sociedade Civil, Sector Privado e Imprensa

Distintos Delegados

Senhoras e Senhores,

Este ano nós, o povo de Timor-Leste, celebrámos o 10.º aniversário do nosso voto histórico por uma Nação Livre e Independente. Foi há apenas dez anos que aqueles que em breve seriam cidadãos timorenses atravessaram colinas e vales para exercer o seu direito à autodeterminação. O nosso apelo à liberdade foi ouvido no mundo inteiro – e o mundo respondeu em conformidade.

Claro está que o nosso caminho até à independência não foi fácil e deixou marcas no nosso Povo. Deste modo, embora esta seja uma altura para celebrarmos, é também uma altura para reflectirmos sobre o que passámos, sobre os nossos momentos históricos e difíceis, sobre os pontos de viragem que enfrentámos e sobre as decisões que tomámos, assim como sobre os nossos “pecados” e “virtudes”.

Senhoras e Senhores,

Se estamos aqui para reflectir sobre Estados e situações frágeis, devemos começar por lembrarmos que cada Estado tem a sua história, a sua cultura e as suas tradições. Alguns, à semelhança de Timor-Leste, são muito jovens e assistiram a processos únicos de formação. No nosso País isto envolveu um registo longo e variado de relações entre o nosso Povo; e entre o nosso Povo e a comunidade internacional.

Os timorenses partilharam experiências boas e experiências difíceis, que não podemos simplesmente pôr de lado enquanto avançamos como Nação. Porém quando falamos sobre ser-se um Estado frágil é comum dizer-se que somos um Estado frágil por sermos um País pós-conflito – mas o que significa “pós-conflito”?

Para nós, os timorenses, significa que no nosso passado combatemos por uma causa, uma causa pela qual estivemos dispostos a viver e a morrer. Os timorenses estiveram dispostos a morrer para conquistar a independência, e alguns estiveram dispostos a morrer no combate contra ela.

De qualquer das formas, o nosso Povo mostrou grande determinação e coragem, bem como um desejo de lutar por aquilo em que acreditava.

Hoje, na qualidade de Estado frágil, precisamos abraçar uma vez mais este grande sentimento de objectivo e de determinação. Precisamos todos de assumir esta causa de desenvolver o nosso País, de promover a estabilidade e a segurança e, como é claro, de consolidar o nosso sistema de justiça e as nossas regras e cultura democráticas.

Todavia somos jovens... e como tal a maturidade política para pôr os interesses da Nação – e com isto refiro-me ao nosso Povo – acima de todas as outras considerações ainda não é a nossa realidade. Assim precisamos de instituições mais fortes e mais maduras que trabalhem para defender os melhores interesses da Nação e que não se desviem deste propósito, por objectivos ou ganhos privados.

E a única forma em que podemos ser ajudados neste esforço para podermos deixar de ser um Estado frágil é compreendendo o contexto e a história do nosso País – não é através do uso de fórmulas ou conceitos reciclados que não são apropriados no nosso contexto nacional.

Senhoras e Senhores,

Gostaria de aproveitar a oportunidade que este aniversário me concede para agradecer pessoalmente aos nossos Parceiros de Desenvolvimento pelo apoio prestado a Timor-Leste ao longo da última década.

Conseguimos já muitas coisas, e não tenho dúvidas que nos próximos anos conseguiremos muitas mais. Assim sendo, digo obrigado do fundo do coração e com toda a sinceridade àqueles de vós que vieram de longe e que estiveram dispostos a ajudar-nos na nossa hora de maior necessidade.

Gostaria de referir em especial o envolvimento prolongado e profundo da Organização das Nações Unidas na construção da paz e na construção do Estado de Timor-Leste. A ONU tem desempenhado um papel essencial desde o início, por via de sucessivas Missões da ONU mandatadas pelo Conselho de Segurança da mesma Organização.

Senhoras e Senhores,

As necessidades do nosso Povo são muitas. Ao celebrarmos 10 anos de autodeterminação podemos observar uma economia em crescimento e novos negócios, assim como pessoas a

caminharem pelas ruas em segurança e melhores serviços de saúde e educação – sendo que tudo isto vem aumentar ainda mais a grande esperança na nossa jovem Nação.

O agricultor em Aileu, o motorista da “mikrolet” em Baucau e o professor em Oecusse partilham uma experiência comum. Uma experiência de ocupação estrangeira, de esperança inspirada pelas bênçãos da independência – e infelizmente, para uma parte demasiado grande do nosso Povo, uma experiência de pobreza. Porém são todas estas experiências partilhadas que contribuem para os nossos valores comuns, que ajudam a definir quem nós somos e que unem a nossa Nação.

Distintos convidados,

É uma rara honra para nós sermos mandatados para construir uma Nação. Precisamos compreender todos que é um privilégio único podermos estar sentados aqui hoje investidos de tal tarefa.

Contudo esta tarefa acarreta a responsabilidade, partilhada por todos os presentes, de ajudar a tornar realidade os sonhos das pessoas de Timor-Leste – urbanas e rurais, homens e mulheres, jovens e velhos.

Enquanto Governo, assumimos com orgulho esta tarefa e esta responsabilidade. E queremos igualmente, com orgulho e honestidade, não só falar dos sucessos como também discutir as alturas em que poderíamos ter feito melhor.

Adoptámos uma abordagem comensurada relativamente aos nossos desafios de construção de paz e de construção nacional. Fomos capazes de dar resposta aos nossos desafios dividindo-os em fragmentos menores. Ao lidarmos com os nossos desafios difíceis desta forma, conseguimos concentrar-nos naquilo que é razoável atingir – e desta forma obtivemos alguns grandes sucessos ao longo dos últimos anos.

Basta viajar por Díli, e cada vez mais pelos distritos, para uma pessoa poder testemunhar os resultados que conseguimos trabalhando em conjunto. Ainda assim, podemos e devemos fazer melhor!

Reconhecemos que as pessoas que vivem em áreas rurais ainda não desfrutam dos mesmos benefícios do nosso crescimento económico que as pessoas que vivem em áreas urbanas. Como

tal fizemos do bem-estar do nosso Povo residente em áreas rurais, uma prioridade elevada na nossa agenda de desenvolvimento.

Temos o acordo relativamente a uma causa comum em Timor-Leste – o combate à pobreza. Todavia não existem atalhos. É necessário mobilizar todo o País, bem como a participação da comunidade internacional. Continuamos a contar com os nossos parceiros de desenvolvimento e com a nossa experiência acumulada do que funcionou bem no País e do que tem de mudar. E aqui o fundamental para o sucesso é dispormos de melhor coordenação e envolvimento entre todos nós.

Senhoras e Senhores,

O Plano de Desenvolvimento Estratégico para definir as prioridades e as metas para o desenvolvimento a médio e longo prazo da Nação será apresentado em breve ao Parlamento Nacional.

O desenvolvimento rural precisa ser prioritário. É nas áreas rurais que vive a maior parte do nosso Povo e que a pobreza é mais disseminada. Ao incidirmos na produção agrícola, nas infra-estruturas, na saúde e na educação, no desenvolvimento de recursos humanos e num sector privado em crescimento, podemos fazer uma grande diferença para as vidas das pessoas.

À medida que Timor-Leste abraça a construção da paz e a construção nacional – abraça, numa palavra, o desenvolvimento – estamos preparados para aprender algumas lições muito importantes. Lições que queremos partilhar com o resto do mundo no Diálogo Internacional de Díli, a ser organizado por Timor-Leste em Março de 2010.

Dito isto, resta-me agradecer a todos vós por participardes nesta Segunda Conferência Consultiva em Timor-Leste sobre Princípios para o Bom Envolvimento Internacional em Estados e Situações Frágeis, bem como desejar a todos uma Conferência plena de sucessos.

Muito obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão

17 de Setembro de 2009